



**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO (UNIVS)
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

VANESSA GONÇALVES CUSTODIO

**A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL E O
IMPACTO NA SUBJETIVIDADE FEMININA**

**ICÓ-CEARÁ
2024**

VANESSA GONÇALVES CUSTODIO

**A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL E O
IMPACTO NA SUBJETIVIDADE FEMININA**

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Psicologia, pelo Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS), como requisito para obtenção de qualificação e de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II), sob a orientação do(a) Professor(a) Me. Isabela Bezerra Ribeiro

ICÓ-CEARÁ
2024

VANESSA GONÇALVES CUSTODIO

**A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL E O
IMPACTO NA SUBJETIVIDADE FEMININA**

Projeto de Pesquisa aprovado em: ___/___/_____, como requisito para obtenção de qualificação e de aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCCII) do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado (UNIVS).

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª: Me. Isabela Bezerra Ribeiro
Centro Universitário Vale do Salgado – UNIVS
Orientadora

Prof^º: Esp. Maxwell Fontes Teixeira
Centro Universitário Vale do Salgado – UNIVS
1º Examinador (a)

Prof^ª: Dra. Maria Eniana Araújo Gomes Pacheco
Centro Universitário Vale do Salgado – UNIVS
2º Examinadora (a)

A CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL E O IMPACTO NA SUBJETIVIDADE FEMININA

Vanessa Gonçalves Custodio
Isabela Bezerra Ribeiro

RESUMO

O trabalho vai discutir a questão de como o patriarcado molda a experiência da maternidade e como isso impacta na subjetividade feminina. Baseia-se na análise de conteúdo de Bardin, o estudo investiga a imposição histórica da maternidade como um destino natural vivenciado pelas mulheres, sustentando-se por ideias patriarcais que restringem a liberdade da mulher. O projeto também irá discutir sobre a idealização da “mãe perfeita”, que acaba se intensificando com o uso das redes sociais. A pesquisa explora as mudanças que ocorrem na subjetividade da mulher antes, durante e após a gestação, refletindo como a obrigação social de cuidar do lar e da família pode afetar na autoestima, gerar sentimento de culpa e dificultar a realização pessoal e profissional das mães. O trabalho propõe que a maternidade deve ser vista como uma escolha, não algo imposto, e sugere a participação de terceiros nos cuidados com os filhos, para desconstruir as expectativas patriarcais. A redefinição dos papéis exercidos pelas mulheres é essencial para promover a autonomia e o bem-estar das mesmas.

Palavras-chave: Maternidade. Subjetividade. Feminismo.

ABSTRACT

The paper will discuss how patriarchy shapes the experience of motherhood and how this impacts female subjectivity. Based on Bardin's content analysis, the study investigates the historical imposition of motherhood as a natural destiny for women, upheld by patriarchal ideas that restrict women's freedom. The project will also address the idealization of the "perfect mother," which is further intensified through social media use. The research explores the changes in women's subjectivity before, during, and after pregnancy, examining how the social obligation to care for the home and family can affect self-esteem, generate feelings of guilt, and hinder mothers' personal and professional fulfillment. The paper proposes that motherhood should be viewed as a choice, not an imposition, and suggests the involvement of others in child care to dismantle patriarchal expectations. Redefining women's roles is essential to promote their autonomy and well-being.

Keywords: Maternity. Subjectivity. Feminism

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história a representação da maternidade foi socialmente construída enquanto uma naturalização da vocação feminina. Traçada a partir de uma idealização patriarcal torna-se uma obrigação à mulher, desejar, conceber e exercer a maternidade. Notadamente, alguns movimentos vêm questionando a maternidade compulsória, trazendo reflexões sobre essência feminina, propriedade e liberdade sobre os corpos de mulheres, fator que tem uma contribuição sócio-histórica no estudo do tema (Oliveira 2007).

A estrutura patriarcal perpetuou uma visão limitada do papel da mulher na sociedade, confinando-a majoritariamente ao espaço doméstico e atribuindo-lhe responsabilidades como o cuidado dos filhos e a execução das tarefas domésticas. Durante o período colonial e Império no Brasil, a mulher era ensinada a ser uma boa mãe e esposa, devendo servir ao marido e ao lar, sem jamais almejar uma posição na esfera pública (Araújo, 2004).

A maternidade, dentro desse contexto é idealizada, e desde o momento em que a mulher descobre a gravidez, ela passa por uma transição de mulher para "mulher-mãe", sendo inserida em uma função contínua de cuidado e educação dos filhos. Por se tratar de uma demanda constante e sem pausas, essa imposição pode impactar profundamente a subjetividade feminina, restringindo sua capacidade de expressão e realização pessoal.

A ideia sobre a maternidade na sociedade patriarcal tem influência na construção da subjetividade e reforça os estereótipos de gêneros. Assim, deve-se dar atenção a esse objeto de estudo a fim de compreender como estereótipos sobre a maternidade tem consequências na subjetividade da mulher; analisar criticamente a idealização da maternidade no contexto patriarcal; relatar os impactos apontados na literatura da maternidade idealizada na saúde mental e emocional das mulheres; discutir medidas para a promoção da igualdade de gênero no contexto da maternidade.

Uma visão restritiva e da naturalização da maternidade gera obstáculos tanto na vida pessoal quanto na carreira profissional das mulheres. No ambiente de trabalho, elas muitas vezes são desvalorizadas, enfrentam discriminação, pois as empresas evitam contratá-las ou promovê-las, sob a suposição de que a responsabilidade pelos filhos comprometerá seu desempenho. No âmbito pessoal, muitas mulheres acabam colocando suas próprias necessidades em segundo plano para se dedicarem especificamente aos filhos, o que pode resultar em combustão, prejudicando sua autoestima e suas interações sociais (Araújo, 2004).

A Psicologia Social pode explorar como os papéis de gênero são construídos e internalizados, mostrando como as expectativas culturais afetam a percepção que as mulheres

têm de si mesmas e de suas capacidades no ambiente profissional e familiar. Também pode contribuir com este debate quando se questiona sobre a manutenção de ações culturais que reforçam a desigualdade de gênero e impõe condições à vida das pessoas baseadas nestas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O QUE É A MATERNIDADE

A maternidade envolve um combo de emoções e desafios que são enfrentados durante o período gestacional e o puerpério. Para algumas mulheres, a maternidade é uma jornada de autodescoberta, crescimento e amor incondicional, a maternidade é uma experiência transformadora para as mulheres. Para outras, pode ser um processo difícil, cheio de incertezas e sacrifícios. A experiência da maternidade é moldada pelas normas geradas na sociedade em um determinado contexto histórico.

Na sociedade moderna, a estrada para a construção da maternidade é formada com muitas expectativas como o amor incondicional que surge quando a criança nasce, a idealização da criança perfeita, o de realização pessoal, entre outras. Um dos pontos de partida é se a mulher vai ter ou não o desejo de gerar um filho, ao longo dos tempos e até os dias atuais, a imagem da mulher é associada a maternidade, apesar das conquistas da luta feminista. É como se a decisão de querer exercer essa maternidade não surgiu do desejo da mulher e sim da sociedade pois é algo biologicamente esperado (Lemos; Kind, 2017).

Iniciou-se um movimento para destacar a situação de mulheres-mães, mulheres cuidadoras do lar, que apontavam suas preocupações, sensação de vazio e a falta de identidade. A divisão de papéis dentro de casa é questionada como revolta, e o que antes era o casamento ideal e uma vida ideal dedicada ao lar e aos filhos, aceito pelas mulheres, agora é algo angustiante, a partir disso surgem as lutas sociais (Oliveira, 2007).

Foi a partir da Revolução Industrial, que surge a conjuntura da família nuclear, na qual os pais passavam a ter mais intimidade com seus filhos, diante disso a figura feminina é vista como “mulher-esposa” e “mulher-mãe”, sendo a maternidade sua maior atribuição. Nesse período as mulheres casadas eram vistas com notoriedade pela sociedade, sua conduta era restringida ao ambiente doméstico e à maternidade, sendo ela a vista como objeto central, pois era quem proporcionava um ambiente aconchegante no ambiente familiar (Oliveira, 2007).

Diante do exposto anteriormente, a gestação é um processo de muitas alterações tanto no físico como no mental da mulher, nos três primeiros meses ainda não é possível ver mudanças físicas no corpo, mas a mulher já começa a ter os primeiros sintomas que é o

aumento das mamas, sonolência e mudanças no cheiro e no gosto. Para algumas mulheres podem ser meses tranquilos, para outras podem ser momentos aterrorizantes por conta dos sintomas que a gravidez pode gerar. Além das alterações no corpo, também ocorrem mudanças no âmbito familiar da mulher, podendo apresentar alteração com o parceiro, com os pais e com outros familiares próximos. É comum no processo gestacional os genitores buscarem um amparo em pessoas próximas, para lidar com situações que possam vir a ocorrer. O apoio e o companheirismo da mãe da gestante ou de alguém próximo pode ser um fator essencial para o fortalecimento de vínculo e também para o repasse de conhecimento a respeito da maternidade, já que a mãe possui mais experiência e pode auxiliar a gestante em seus momentos de dúvidas e de angústia (Zanatta *et al.*, 2017).

A maternidade é um evento de muita intensidade e mudanças principalmente na vida da mulher, além do amparo emocional proposto pelos familiares é essencial que a gestante também realize acompanhamento com profissionais da saúde, para ver como anda sua saúde e a saúde do feto, é importante também realizar esse acompanhamento mesmo após o nascimento do bebê, para acompanhamento físico e psicológico (Zanatta *et al.*, 2017).

Nos últimos anos houveram mudanças significativas nos papéis exercidos pelas mulheres, isso fez com que os cuidados com os bebês fossem repensados. Era comum que a mulher assumisse toda responsabilidade dos cuidados e educação, mas devido toda a evolução que ocorreu essa mulher-mãe não consegue mais ficar em casa em tempo integral para exercer essa função, então essa dinâmica foi alterada e foi necessário repensar nos papéis familiares para que todas as necessidades fossem supridas (Ferrari; Ribeiro, 2020).

Incontáveis fatores, podem influenciar a mulher a querer ou não se tornar mãe, seja por meios biológicos ou por meio de adoção. Esses fatores podem estar ligados a vida pessoal, influências socioculturais, econômicas e subjetivas, esses motivos abarcam um misto de sentimentos, motivações e dificuldades que serão enfrentados na maternidade. A partir da descoberta da gravidez, surgem ansiedades, expectativas, tensão e ocorre a transformação do corpo, que é um processo rápido e contínuo. No decorrer do primeiro ano de vida da criança os cuidados que a criança exige e a amamentação, acaba trazendo uma exaustão para a mulher tanto físico quanto mental e com o passar dos anos as preocupações com aquela criança que está em desenvolvimento vão se tornando mais pertinente (Mendonça, 2021).

Diante disso, a volta das mulheres para o mercado de trabalho acaba se tornando complicada. Por mais que se esforcem para dar conta de diversos papéis e tarefas que lhe foram ofertadas, elas possuem dificuldades em dar atenção aos filhos, ao cônjuge, às tarefas domésticas, a si mesmas e às questões profissionais. Algumas relatam dificuldade em

conciliar todos os afazeres que deveriam dar conta, o desejo de ser vista socialmente como boa mãe traz consigo sentimento de ambivalência, culpa e ansiedade, por um lado essa ideia de maternidade perfeita tem afetado os sentimentos das mesmas, por outro lado tem efeito reflexivo sobre si mesmas (Mendonça, 2021).

2.2 A VISÃO DO PATRIARCADO SOBRE A MULHER E A MATERNIDADE

A visão do patriarcado sobre a mulher é caracterizada pelo poder que o homem exercia sobre ela, pois a mesma deveria ser objeto de procriação e obediência às ordens do pai e do marido. Com o movimento feminista a mulher conseguiu conquistar seu espaço na sociedade, podendo assim ter o direito de votar e de trabalhar. Com o surgimento do capitalismo, as mulheres começaram a ter outros papéis em suas vidas além da maternidade, com o aumento da oferta no mercado de trabalho as mulheres foram inseridas nesse ambiente, mas sem deixar de lado sua função “de mulher” (Boris; Cesídio, 2007).

A família patriarcal era o centro da sociedade, pois representava a função de regulação da procriação, administração econômica do lar e direção política, sendo tudo regido pelos homens. As mulheres e as crianças eram apenas uma parte do ambiente familiar, onde estes não podiam expressar sua opinião e seus desejos (Boris; Cesídio, 2007).

A divisão de trabalho fica sobre o exercício do homem, acerca do poder que tem sobre as mesmas. Havia a concepção do que era considerado trabalho feminino e trabalho masculino, utilizando-se da percepção de que o trabalho reprodutivo oriundo da natureza, não necessitava de uma qualificação. Consequentemente não é reconhecido como um trabalho, mas como “amor”. Essa percepção contribui para a desvalorização do trabalho exercido por mulheres durante a maternidade, dificultando a monetização do mesmo. É crucial considerar que a divisão sexual do trabalho tem como base a estrutura montada pelo capitalismo. Este modo de produção utiliza do patriarcado para explorar a divisão sexual de trabalho, desvalorizando o trabalho exercido pelas mulheres, colocando-as em situações precárias de vida e trabalho (Costa, 2023).

Na sociedade antiga as mulheres destinavam toda sua vida em prol do seu companheiro, diante disso foi surgindo a imagem que a mulher era um sexo frágil, por ser depende do marido. Por conta da inferioridade que existia entre o homem e a mulher surgiu o sistema patriarcal, na qual uma família ou uma sociedade é regida por um homem dominante sobre sua família, o patriarcado carrega a responsabilidade de ser o estruturador da divisão

social, que carrega com sua essência a opressão da mulher entre outras particularidades (Dantas, 2021).

No período de vigor do sistema patriarcal, a luta das mulheres não era voltada somente para a igualdade de direitos, mas, também, para a liberação do sofrimento psíquico devido à marginalização na sociedade, incluindo seu corpo e seus desejos. Diversas limitações foram superadas pelas mulheres, incluindo a inserção no campo de trabalho, o direito ao voto e a iniciação na atuação política. Porém ainda vigoram algumas características patriarcais mantidas na cultura, tais como fato de que ainda tem famílias que somente o homem é o provedor da casa e a limitação que existe por conta que o salário feminino ainda precisa ser equiparado ao masculino (Boris; Cesídio, 2007).

É importante ressaltar que foi através da inserção da mulher no mercado de trabalho que ela conseguiu sua emancipação em relação ao homem, podendo assim obter sua renda salarial e conseguiu conquistar o direito de usar a pílula anticoncepcional para evitar a reprodução (Boris; Cesídio, 2007).

Durante vários momentos, as mulheres estiveram em posição secundária quando se tratava de sua presença na narrativa dos eventos e conquistas humanas. Enclausuradas em fortalezas, residências reais ou modestas casas, elas raramente conseguiam se fazer presentes na trama histórica ditada pela perspectiva masculina. Ao longo dos séculos, a representação da figura feminina esteve cercada por incertezas. Os homens, responsáveis por transmitir os relatos para as gerações futuras, expressavam seus sentimentos e opiniões de maneira contraditória, ora manifestando amor e admiração pelas mulheres, ora demonstrando ódio e repulsa (Follador, 2009).

Levando em consideração que o Brasil foi colonizado por pessoas do ocidente pode-se concluir que os homens do Brasil tinham conceitos semelhantes aos dos seus colonizadores. Desde então a exigência de submissa, recatada e doce foi imposta às mulheres. Essas expectativas geravam estereótipos que limitavam a mulher ao papel doméstico, responsável por cuidar da casa, dos filhos e do marido, sendo submissa a ele (Follador, 2009).

Na sociedade patriarcal brasileira, os homens detinham poderes absolutos como líderes e cabeças das famílias, enquanto isso as mulheres eram designadas se manterem reclusas no lar, concentrando-se em suas atividades domésticas. É claro que havia exceções, e as mulheres mais humildes não podiam ter esse luxo de ocupar o papel social que considerava a vida reclusa do lar como o ideal. Elas necessitavam trabalhar, e assim, ocupavam espaços públicos, normalmente reservados aos homens, já que, em muitos casos, cabiam a ele sustentar a família. Fora essas exceções, as mulheres não podiam sair desacompanhadas e sua

passagem nos espaços públicos só era bem vista se fossem atividades relacionadas a igreja, o que na época era considerado uma forma de lazer (Follador, 2009).

2.3 O IMPACTO NA SUBJETIVIDADE FEMININA ANTES, DURANTE E APÓS A GESTAÇÃO

O corpo e a subjetividade feminina são construídos com o decorrer de cada época, sendo assim cada sociedade possui um tipo de corpo e cada tempo tem seu modo particular de retratar a constituição do corpo e da subjetividade feminina, sendo assim, o modo como ela organiza seu modo de vida e as relações com os outros, teve interferência nas transformações econômicas, políticas, históricas e socioculturais. É através da interação com os outros que o indivíduo fica responsável pelos seus padrões de conduta e suas reações emocionais e racionais. A subjetividade é um perfil de um modo de ser, de pensar, agir, sonhar, de amar, que enquadra o exterior e o interior do ser humano. A subjetividade resulta na interação do indivíduo com a influência sociocultural, que é modelada de acordo com os comportamentos, valores e com o sistema econômico e político (Boris; Cesídio, 2007).

O sujeito constrói sua subjetividade com a relação com a sociedade, na qual todos estão inseridos em um mesmo contexto, nesse processo de construção têm envolvimento da cultura, hábitos, valores e padrões de comportamento. Essa construção é fruto do que é aprendido com a família, com amigos, na escola e meios de comunicação (Boris; Cesídio, 2007).

Em decorrência das mudanças tanto físicas como emocionais que acometem a vida da mulher durante a gestação e após o nascimento do bebê, a mulher tende a ficar vulnerável. A experiência da gestação é única para cada mulher, envolve uma interseção única de emoções, comportamentos, experiências psicológicas e sociais. (Lopes, *et al.*, 2010)

Após o nascimento do bebê, as mulheres podem se deparar com um vazio, sensação de perda de sentido e significado, que ao mesmo tempo está cheia idealização pensadas durante toda a vida. Esse vazio, é causado pela ruptura do psiquismo materno, durante o período que vai desde a gravidez até o puerpério, representa uma quebra de tempo psicológico crucial, onde emerge o campo materno (Copatti, 2023).

A subjetividade ela é construída no contexto social, na qual a linguagem e a cultura dão significados à experiência que temos de nós mesmos, é nesse contexto social que adotamos uma identidade. As posições de sujeitos que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossa identidade. Ao assumir a posição de “mãe”, a mulher se identifica e constitui uma identidade materna, passando a vivenciar um sentimento cultuado pela sociedade que é o de “amor incondicional” (Oliveira, 2017).

A formação da subjetividade materna vem acompanhada com um conjunto de obrigações expressas no verbo “ter que”, com várias demandas: ter que engravidar, ter que amamentar, ter que brincar com os filhos, ter que equilibrar os papéis de mulher, mãe, profissional e dona de casa. Além disso, é esperado que ela seja uma mãe perfeita. Essas cobranças acontecem com um certo equívoco em atribuir às mulheres, em função dos aspectos biológicos que tornam mãe, a responsabilidade praticamente exclusiva da mulher. É importante frisar a questão da identidade e autoestima que muitas vezes atravessa a função materna, além dos cuidados à criação dos filhos há também a necessidade de a mulher ser reconhecida, de se sentirem vivas ou valiosas (Lemos; Kind, 2017).

Durante o puerpério, pode ser destacado alterações emocionais, que ressaltam a partir do estágio de transição vivenciado, das modificações decorrentes da fase. A autoestima é refletida na forma como as pessoas aceitam a si, valorizam o outro e projetam suas expectativas. O período gravídico-puerperal traz mudança da imagem corporal, que pode gerar confusão na forma como a mulher se percebe, podendo afetar sua autoestima. No pós-parto é o período em que as manifestações psicopatológicas podem se manifestar, tornando-se um período de elevado risco para saúde mental da mulher. A autoestima sofre de alterações emocionais do puerpério e podem ocorrer oscilações, por conta do processo adaptativo e de estresse que a mulher se encontra sujeita na gravidez e nos processos de transição para a parentalidade (Nery *et al.*, 2021).

A gravidez é uma experiência única que envolve adaptações a nível físico, psíquico, social e emocional que tem diferentes implicações no bem-estar da mulher. No período gestacional a mulher vivencia níveis elevados de ansiedade relacionado ao bem-estar do feto e também consigo mesma. Nesse curto período de tempo, o momento que a mulher está vivenciando pode impactar na maneira que ela olha para si mesma e na maneira que ela enxerga os outros ao seu redor. Os desconfortos gerados pela gravidez comportam tantos problemas de saúde física quanto problemas psicológicos (Guerra *et al.*, 2014).

3 METODOLOGIA

No que se refere aos aspectos metodológicos deste estudo, optou-se por realizar uma revisão de literatura integrativa. Conforme destacado por Gil (2008), a revisão se baseia na análise de materiais previamente publicados, apresentando a vantagem de permitir uma visão ampla de fenômenos que, em uma pesquisa empírica direta, poderiam ser negligenciados. Além de consolidar o conhecimento já existente sobre o tema, a revisão bibliográfica oferece uma base sólida para a formulação de novas hipóteses e análises mais profundas, possibilitando uma discussão crítica fundamentada em múltiplas perspectivas.

A busca pela literatura se iniciou a partir do uso dos descritores "subjetividade" e "maternidade" nas bibliotecas virtuais de revistas científicas brasileiras em formato eletrônico, SciELO, entre 2019 e 2024. Foram estabelecidos critérios de inclusão que delimitavam que as obras consideradas pertencessem ao campo da saúde e Psicologia, as quais foram selecionadas diretamente na página da SciELO. Em relação aos critérios de exclusão, a decisão foi remover artigos que não guardassem relação com as áreas de estudo supracitadas e que não fossem de acesso gratuito.

A análise dos dados foi conduzida através da técnica de análise de conteúdo, caracterizada por uma leitura aprofundada que facilita a compreensão, utilização e aplicação do conteúdo em questão. A análise do conteúdo tem por objetivo apresentar uma avaliação crítica de análises de conteúdo, como forma de tratamento em pesquisas qualitativas e quantitativas (Bardin, 2011). Esse método permite identificar, interpretar e categorizar o conteúdo dos textos selecionados, oferece uma visão detalhada sobre como a maternidade é socialmente construída em uma sociedade patriarcal e os impactos na subjetividade feminina. Na pré-análise foram selecionados artigos científicos que abordassem maternidade e subjetividade, foi selecionado o filtro de tempo entre os anos de 2019 a 2024. Tem como foco de análise a compreensão de como a maternidade, construída sob a perspectiva patriarcal influencia na subjetividade das mulheres. Foi realizada uma leitura inicial dos artigos para levantar as primeiras impressões sobre o tema.

Na exploração material foram utilizados descritores para uma melhor busca a respeito do tema deste trabalho na qual se intitula como “maternidade” e “subjetividade” que representam as ideias principais que estão associadas ao tema trabalhado. De acordo com os objetivos do estudo e nas leituras, foram definidas categorias, as principais categorias definidas foram:

1. A Construção e os desafios enfrentados pela mulher-mãe na sociedade contemporânea
2. O feminismo matricêntrico e a desconstrução da maternidade idealizada
3. O impacto das redes sociais na construção da maternidade

Os critérios para a criação das categorias, seguiram os princípios de exclusão mútua, daquelas que não se sobrepõem, a homogeneidade, pois cada categoria é de acordo com seu conteúdo, da pertinência ocorre uma ligação com os objetivos traçados na pesquisa e a objetividade, na qual é de fácil compreensão por parte do leitor.

Após a categorização, foram extraídos os dados e comparadas as ideias principais e os significados que tinham. Os artigos achados foram organizados de forma a dialogar com as literaturas já existentes, destacando o tema principal do trabalho, com a reflexão sobre possíveis transformações da construção social que existe sobre a mulher.

Uma limitação do estudo é a exclusão de materiais relevantes devido aos critérios de seleção, na qual foram utilizados o fator determinante do tempo, os artigos tinham que ser dos últimos cinco anos, também foram utilizados descritores que fez com que houvesse uma diminuição no número de artigos publicados e por último o idioma que foi o português. Diante do exposto foram respeitados os princípios éticos, garantindo o uso de referências e originalidade da interpretação dos dados analisados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo da fase inicial de investigação do projeto, foram definidos dois descritores: "subjetividade" e "maternidade". O objetivo era aprofundar a análise da conexão entre esses dois aspectos e entender como essa relação afeta a vida das mulheres que são mães. Durante a pesquisa, foi constatado que o termo "maternidade" possuía uma quantidade significativa de estudos publicados, enquanto "subjetividade", apesar de sua importância para o tema, apresentava um número menor de publicações, tanto relacionadas ao assunto em foco quanto ao campo da psicologia.

Ao conduzir uma pesquisa mais abrangente, sem limites de tempo, identificaram-se 1.378 artigos que tratavam da maternidade de forma geral. Contudo, ao aplicar filtros mais específicos, delimitando a busca ao campo da psicologia e ao intervalo de tempo entre 2019 a 2024, o total de artigos diminuiu para 11. Essa redução é resultado da necessidade de definir melhor o tema e do enfoque em estudos recentes e relevantes para a área em questão. Após uma avaliação minuciosa dos 11 artigos, verificou-se que apenas três estão diretamente

vinculados ao tema central deste estudo. Esses três trabalhos discutem a idealização da maternidade e o impacto substancial que essa perspectiva exerce sobre a vida das mulheres.

Quadro 1. Apresentação da busca por literatura

Ano de publicação	Autores	Nome da revista e local	Título do artigo
2022	Milena Freire de Oliveira-Cruz, Kalliandra Quevedo Conrad	Estudos feministas. Scielo	Refletindo maternidades e redes sociais digitais a partir do feminismo matricêntrico
2023	Ana Luiza Copatti, Andrea Gabriela Ferrari, Andressa Grandó Hoewell, Milena da Rosa Silva	Psicologia: ciência e profissão. Scielo	Relatos da Pandemia: Ser Mulher e Mãe em Tempos de Covid-19
2023	Débora Fernanda Haberland, Anita Guazzell Bernardes	Psicologia em estudo. Scielo	Construção Mulher-Mãe: Dispositivos Que Envolvem Maternidade, Mídia E Seus Movimentos Atuais

Fonte: Autoria própria, 2024.

Ao examinar os artigos selecionados, é possível identificar as revistas, estados e universidades onde foram publicados. O primeiro artigo da tabela foi veiculado na revista Estudos Feministas, sendo suas autoras provenientes de diferentes estados e universidades: a primeira, do estado do Rio Grande do Sul, vinculada à Universidade Federal de Santa Maria, e a segunda, do estado de São Paulo, associada à Universidade de São Paulo. O segundo artigo foi publicado na revista Psicologia: Ciência e Saúde, cujos autores são filiados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre (RS). O terceiro artigo foi divulgado na revista Psicologia em Estudo, com autores vinculados à Universidade Católica Dom Bosco, localizada em Campo Grande (MS). Diante do exposto, observa-se que nenhum dos artigos selecionados foi publicado na região Nordeste do país, sendo que os artigos escolhidos se concentram nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.

Tendo em vista o que já foi exposto, observou-se também que os artigos foram publicados em diferentes revistas, cada uma com suas particularidades. A revista Estudos Feministas possui periodicidade quadrimestral e tem como objetivo divulgar cientificamente textos em forma de artigos, resenhas e ensaios sobre temas relacionados a gênero, sexualidade e feminismos. A revista Psicologia em Estudo, por sua vez, busca publicar textos originais que abordem temáticas na área da Psicologia e suas interfaces com as Ciências Humanas e da Saúde, problematizando questões contemporâneas, contribuindo para a prática psicológica e promovendo o desenvolvimento teórico.

No aspecto metodológico, a Psicologia em Estudo publica exclusivamente artigos pautados na abordagem qualitativa. A Revista Psicologia e Saúde, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, é publicada quadrimestralmente e se dedica à publicação de artigos originais e inéditos que abordam os diversos campos teórico-metodológicos da Psicologia e suas intersecções com a Saúde. A revista também acolhe trabalhos multidisciplinares e interdisciplinares, promovendo o diálogo entre a Psicologia e áreas afins. Sua missão é difundir conhecimento científico que enfrente as problemáticas contemporâneas do comportamento humano e da promoção da saúde, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como disciplina acadêmica e prática profissional. Os artigos selecionados para a construção deste projeto incluem três estudos baseados no método de revisão de literatura, cujo objetivo é discutir as investigações realizadas sobre o tema. O outro artigo segue o método de pesquisa de campo, no qual mães foram convidadas a relatar suas experiências com a readaptação familiar após o período de distanciamento social decorrente da pandemia de Covid-19.

4.1 A CONSTRUÇÃO E OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELA MULHER-MÃE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

No artigo intitulado “Construção mulher-mãe: dispositivos que envolvem maternidade, mídia e seus movimentos atuais” (Haberland & Bernades, 2023), os autores abordam a maneira como a figura da mulher-mãe é socialmente construída, ressaltando a influência crucial que a mídia e os movimentos sociais contemporâneos exercem sobre essa identidade. A obra investiga como a sociedade, ao atribuir às mulheres o papel preponderante de mães, cria e mantém expectativas rígidas e frequentemente idealizadas a respeito da maternidade. Dessa forma, é destacado o efeito dessas construções na vida das mulheres,

tanto em suas esferas pessoais quanto profissionais, evidenciando como tais expectativas impactam suas escolhas, carreiras e bem-estar.

A mídia tem um papel importante no compartilhamento de ideias, especialmente sobre a maternidade. Com o avanço das redes sociais, ela vai além da simples comunicação e se torna uma ferramenta que ajuda a moldar a forma como a maternidade é vista e vivida. Nesse ambiente, as mulheres encontram orientações e trocam experiências, o que acaba influenciando suas próprias percepções de ser mãe. A mídia, assim, não só reflete, mas também cria modelos de maternidade, dentro de um contexto que envolve interesses econômicos, sociais e de poder. Com o desenvolvimento dos movimentos feministas e diversas questões sociais, a compreensão da maternidade está se remodelando. Esse processo procura liberar as mulheres dos papéis convencionais, aumentando sua autonomia para escolher onde querem estar, tanto no ambiente familiar quanto fora dele. A mídia já começa a retratar essa nova realidade, ainda que de maneira lenta, apresentando uma visão da maternidade que se aproxima mais da realidade do que da idealização.

O artigo “Relatos da pandemia: Ser mulher e mãe em tempos de covid-19” (Copatti, *et al*, 2023) vem discutir sobre como a pandemia do covid-19 vivenciada em todo mundo influenciou na vida das mulheres que são mães, que trabalham e que tem que cuidar do lar, o artigo traz uma pesquisa realizadas em todas regiões do Brasil e apontam o quanto a saúde mental das mulheres na era da pandemia ficou prejudicada, tendo em vista o contexto na qual estavam inseridas o medo de pegar o vírus, a sobrecarga de cuidar do filhos, da casa e de trabalhar fora e toda essa situação acabou desencadeando alguns transtornos. Na pesquisa apresentada pelo artigo contaram com a participação de 822 mulheres com a média de idade na faixa etária de 37 anos e nos resultados preliminares apontou de 25% das mães estavam com sintomas de depressão, 7% com sintomas de ansiedade, 23% com sintomas de estresse e 39% com sintomas de estresse pós-traumáticos. Somado a tudo isso e correlacionando com o artigo anterior, na época da pandemia as pessoas ficaram mais em casa, em isolamento, surgiu o aumento da utilização das redes sociais, na qual aproximava mais as pessoas e era uma maneira de lidar com tudo que estava acontecendo.

Ambos os artigos trazem o quanto a vida da mulher sofre mudanças por conta da maternidade e que isso pode impacta-la de diversas formas, seja se cobrando por algo que viu em alguma rede social, tendo em vista que é um mundo na qual é discutido muito como a mulher deve se comportar como mãe e que também é um ambiente de muito julgamento, juntando isso tudo ao momento vivido na covid-19 ressalta mais ainda essa auto cobrança em cima das mulheres, ela que tinha que ser o ponto de apoio da família, tinha cuidar da casa, dos

filhos, do marido e ficava na preocupação de ser uma pessoa forte e de transmitir isso e acabavam adoecendo por conta do excesso de atividades realizadas por elas.

4.2 O FEMINISMO MATRICÊNTRICO E A DESCONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE IDEALIZADA

O artigo “Refletindo maternidades e redes sociais digitais a partir do feminismo matricêntrico” (Cruz & Conrad, 2022) vem trazendo que muitas mulheres direcionam suas vidas ao cuidado dos outros, especialmente de seus filhos. A vivência da maternidade se torna um componente significativo na forma como a mulher se percebe, suas interações e os papéis que ocupa. Essa experiência muitas vezes contribui para que a mulher permaneça no espaço doméstico, sustentando a ideia de que a função feminina está intrinsecamente relacionada ao cuidado e ao afeto. O ambiente em que as mulheres se encontram ressalta uma série de questões e exigências - sociais, econômicas, políticas, culturais e emocionais - que têm um impacto particularmente significativo sobre as mães. Essas pressões influenciam suas atividades, seus papéis sociais e a maneira como elas moldam suas identidades. Isso evidencia que o patriarcado as submete de maneira dupla: por serem mulheres e por desempenharem o papel de mães.

O feminismo matricêntrico procura evidenciar as distinções entre o papel de ser mãe e o de ser mulher, incentivando uma reflexão acerca de como a maternidade, dentro da lógica patriarcal, subjuga as mulheres. Essa abordagem também busca criar estratégias de resistência. Um conceito fundamental para compreender as opressões que atingem as mulheres mães é a diferenciação entre "maternidade" e "maternagem". A maternidade é percebida como uma construção social e histórica, enquanto a maternagem diz respeito às práticas de cuidado, que são aprendidas e incorporadas ao dia a dia. Sendo assim compreende-se que a prática da maternagem é algo que pode ser realizado por qualquer pessoa e não somente pela mãe da criança, a visão do feminismo matricêntrico não é impor limites às mães biológicas, mas sim, que todos possam participar desse momento. A função de ser mãe é encarada como algo intrínseco e pessoal, restringindo-se essencialmente às mães e relacionado ao espaço do lar e da família.

No entanto, o reconhecimento e a valorização desse papel enfrentam a avaliação da sociedade. Isso implica que, sob a perspectiva patriarcal, a maternidade se torna uma norma que restringe a autonomia das mães, dificultando a transformação dessa vivência que frequentemente se revela opressiva. Ademais, aquelas mães que não atingem ou optam por

não se encaixar no padrão de maternidade "perfeito" são frequentemente julgadas de maneira negativa. É de conhecimento mútuo a proporção do crescimento das redes sociais nos dias atuais e o quanto isso pode impactar diretamente na vida do indivíduo, entre as pessoas que hoje utilizam as redes sociais existem um acordo do que é compartilhado e daquilo que é socialmente aceito, isso acaba reforçando imagens que são construídas de acordo com os valores e crenças já estabelecidos. Em relação às mães e a vida que elas compartilham sobre a maternidade, predomina a necessidade de partilhar momentos e situações felizes. Isso acaba refletindo a uma visão que associa a experiência materna como um ato de realização pessoal. Além das disputas e dos diversos significados que a maternidade traz nas redes sociais, é interessante de se observar, como existem diferentes formas de compartilhar sobre a maternidade e isso faz com que as mulheres/mães reflitam sobre sua experiência.

4.3 O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA MATERNIDADE

Durante a construção desse trabalho já foi bastante discutido o quanto a mulher tinha que viver em prol da família e dos cuidados com os filhos. Nos três artigos apresentados se discute muito sobre a influência das redes sociais na construção da maternidade e a influência que ela tem sobre a vida das mulheres. Os artigos entrelaçam entre si a complexidade e os desafios enfrentados na maternidade, as dificuldades enfrentadas no período da pandemia e como as redes sociais ajudaram muitas mulheres a passar pelas dificuldades enfrentadas. A mídia representa um campo especial para a disseminação e criação de discursos, manifestando-se de diversas maneiras e ampliando a discussão sobre a política do corpo gestante. Ela transcende o mero espaço de comunicação; com o avanço das redes sociais e perfis pessoais, sua influência na formação da identidade materna se torna cada vez mais significativa. Ao analisar a mídia como um campo onde se entrelaçam discurso e realidade, a política do corpo gestante se revela numa interação entre o público e o privado.

Dessa forma, a vivência da gravidez se coloca não apenas como uma experiência pessoal, mas como uma vivência compartilhada sobre como se comportar. Essa transição do privado para o público, originada do corpo grávido em processo de gestação, gera uma experiência em que o corpo particular se expande para o coletivo. A relação que o indivíduo estabelece consigo mesmo, incluindo seus pensamentos, ações e comportamentos, se transforma, fazendo do que é íntimo algo que se torna visível e relevante para todos. A imagem materna e o modelo materno não se limitam mais a gestar e criar os filhos no espaço familiar, mas tornaram-se um modelo subjetivado, um comportamento público que exige uma

“responsabilidade” materna. Além de cumprir seu papel tradicional, as mães sentem necessidade de expor, justificar e reiterar essas ações e afirmações. Esse processo se reflete em fotos, postagens, opiniões e no ato de compartilhamento público nas redes sociais. Com o compartilhamento e o consumo excessivo das redes sociais, pode ocorrer de as mães criarem muitas expectativas diante da maternidade que chegam a ser irreais, fazendo com que outras mães se sintam insuficientes como mãe, já que sua realidade não condiz com o “ideal”. Fora das telas as mães já sofrem muita pressão da sociedade, das pessoas do seu convívio, em ter que ser uma boa mãe, esposa e dona de casa e consumir conteúdo maternos nas mídias, causa mais ainda comparação entre as mães, mas em contrapartida, também ocorre acolhimento, compartilhamento de experiências e com isso acontece as trocas entre elas e isso de certa forma as ajuda no dia a dia e se torna um meio de distração e desligamento do mundo real. A mídia foi escolhida como espaço privilegiado para discutir (ou instruir) os cuidados com o corpo e a preparação para a maternidade porque a sociedade brasileira reconhece isso como um esforço para educar as mulheres para serem “boas mães”. Hoje, à medida que as mulheres assumem novos papéis como mulheres e trabalhadoras, surge uma abordagem de “mãe moderna”.

Existem orientações não só para os cuidados com o bebê, mas especificamente para o próprio corpo da mulher, que as mulheres devem cuidar sozinhas para melhor cuidar dos filhos e da família.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo evidenciou a forte influência das estruturas patriarcais na formação da maternidade e os impactos desse modelo na subjetividade feminina. A maternidade, muitas vezes vista como uma vocação intrínseca da mulher, restringe a liberdade individual e estabelece um conjunto de expectativas que podem afetar de maneira negativa a autoestima e o bem-estar psicológico das mulheres. Notou-se que as redes sociais intensificam essa idealização, promovendo a imagem da "mãe perfeita" e aumentando a pressão sobre aquelas mães que se sentem inadequadas por não corresponderem ao modelo ideal.

Ao investigar as mudanças na subjetividade das mulheres durante a gestação e após o nascimento dos filhos, chega-se à conclusão de que a responsabilidade social ligada à maternidade ultrapassa apenas o cuidado com as crianças; envolve também as tarefas domésticas e a dinâmica do relacionamento conjugal. Isso, muitas vezes, torna difícil o crescimento pessoal e profissional da mulher. Fundamentando-se na teoria feminista,

propõe-se que a maternidade seja encarada como uma decisão pessoal e que a sociedade incentive uma divisão mais justa das responsabilidades parentais.

Esses resultados evidenciam a necessidade de reavaliar e redefinir a função da mulher tanto no núcleo familiar quanto na sociedade, a fim de possibilitar mais autonomia, respeito e saúde mental para as mulheres que decidem ser mães, assim como para aquelas que optam por outros caminhos.

REFERÊNCIAS

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; DE HOLANDA CESÍDIO, Mirella. Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 7, n. 2, p. 451-478, 2007.

FREIRE, M.; KALLIANDRA QUEVEDO CONRAD. Refletindo maternidades e redes sociais digitais a partir do feminismo matricêntrico. **Revista Estudos Feministas**, v. 30, n. 2, 1 jan. 2022.

COPATTI, A. L. et al. Relatos da Pandemia: Ser Mulher e Mãe em Tempos de Covid-19. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, 2023.

COSTA, Cecília Maria Valter. O fortalecimento do patriarcado e a desvalorização do trabalho de cuidado no capitalismo. **Serviço Social & Sociedade**, v. 146, p. e-6628347, 2023.

COSTA, F.A. da. Mulher, trabalho e família: os impactos do trabalho na subjetividade da mulher e em suas relações familiares. **Pretextos**, v. 3, n. 6, p. 434-52, 2018.

DÉBORA Fernanda Habelard; Anita Guazzelli Bernardes. Construção mulher-mãe: Dispositivos que envolvem maternidade, mídia e seus movimentos atuais. **Psicologia em estudo/Psicologia em Estudo**, v. 28, 23 out. 2023.

DE MENDONÇA, M. C. Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo. **Revista Ártemis**, v. 31, n. 1, 2021.

DE OLIVEIRA, P. B. **A mulher atual representação da**. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/241/1/Paula%20Barbosa%20de%20Oliveira.PDF>. Acesso em: 14 may. 2024.

FERRARI, R. DA S.; RIBEIRO, M. F. DA R. Ser mãe, ser pai: desafios na contemporaneidade. **Cadernos de Psicanálise**, v. 42, n. 42, p. 225–242, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. Atlas, São Paulo, 2008.

GUERRA, Maria João *et al.*; Promoção da saúde mental na gravidez e no pós-parto. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**. p.117-124. 2014.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. 2. ed: Aleph. São Paulo, 2009

LEMOS, R. F. S.; KIND, L. Mulheres e maternidade: faces possíveis. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 840–859, 2018.

LEMOS, Renata Feldman Scheinkman; KIND, Luciana. Mulheres e maternidade: faces possíveis. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 17, n. 3, p. 840-859, 2017.

LOPES, Rita de Cássia Sobreira; PROCHNOW, Laura Pithan; PICCININI, Cesar Augusto. A relação da mãe com suas figuras de apoio femininas e os sentimentos em relação à maternidade. **Psicologia em estudo**, v. 15, p. 295-304, 2010.

MARSARO, F. ANÁLISE DE CONTEÚDO: A VISÃO DE LAURENCE BARDIN. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 6, n. 1, p. 383–387, 2012.

NERY, Nathália Gianini et al. Avaliação da autoestima em mulheres no período puerperal. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, p. 729-743, 2021.

ZANATTA, Edinara; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato; ALVES, Amanda Pansard. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 3, p. 16-16, 2017.